

O que faz de diferente a psicanálise?

Recentemente, tenho me visto em meio a debates, com colegas e amigos, a respeito da validade “científica” da teoria psicanalítica. Devo admitir uma certa curiosidade, desde minha leitura e estudo do Projeto para uma psicologia científica, texto de Freud escrito em 1895, porém publicado em 1950, já após o falecimento de seu autor, acerca da correspondência entre as teorias psicológicas e metapsicológicas com o substrato básico biológico humano. Ou seja, será que um dia vamos entender em qual parte de qual neurônio se dá uma ideia? Talvez isso pertença ainda a outras partes de outras unidades menores que o neurônio ainda não conhecidas, ou ainda mesmo do agrupamento dessas células de formas que ainda não compreendemos.

John Horgan, escritor e jornalista científico norte-americano, em seu blog Cross-Check (<http://blogs.scientificamerican.com/cross-check/>), diz que “um paradigma da mente efetivo deveria produzir tratamentos efetivos para a doença mental”, e que esse era um dos motivos pelos quais a psicanálise continuaria viva. Através da “cura pela fala” (talking cure) todos os procedimentos terapêuticos produziriam efeitos semelhantes – o chamado efeito “Dodô” – e tais efeitos seriam advindos mais do estabelecimento de um bom relacionamento entre terapeuta e paciente e menos da precisão “científica” de seus conceitos sobre a mente.

Eis aí a grande diferença, em minha opinião.

Desde 1895, quando envolvido com sua “Psicologia para neurologistas”, Freud já escrevia sobre a experiência do bebê com a mãe, e daí já emergiria uma teoria do relacionamento. Sobre a constância da experiência do surgimento da fome e de seu aplacamento pela amamentação uma relação seria estabelecida, entre o recém-nascido e seu cuidador, que permitiria a aquele criar e sedimentar dentro de si seus primeiros processos de pensamento e reconhecimento da realidade.

Mais tarde, com a definição do conceito de transferência, em 1905, veio talvez a peça mais importante para esse quebra cabeça. Ao perceber que os sentimentos de seus pacientes com relação a si variavam e assim também variava a relação deles com a análise, Freud notou que era nesse terreno – o terreno da relação entre paciente e terapeuta – é que poderia se dar de fato a análise e o tratamento.

Assim a psicanálise se distanciaria ainda mais da “Psicologia para neurologistas”, ainda mais dos conceitos de neurônios com funções específicas, e mais em direção a uma teoria do relacionamento humano como base para o tratamento psicológico. Através de uma boa relação entre paciente e analista, uma melhor compreensão interna poderá ser alcançada, e através da aliança entre ambos – a aliança terapêutica – uma cura poderia ser alcançada.

O conceito de transferência promoveu uma mudança profunda na psicanálise, de um método menos *investigativo* para um método mais *interpretativo*. Ou seja, mais do que apenas descobrir quais os mecanismos de defesa, os medos infantis, as ideias contidas nos sonhos, o ponto central da análise seria também a forma como esses conteúdos seriam comunicados e trabalhados, entre analista e paciente. Assim, a experiência do entendimento assumiria uma dimensão diferente: mais do que uma correteza teórica, um bom trabalho deveria buscar uma correteza afetiva, e a partir da *experiência* da compreensão, talvez mais do que seu *conhecimento*, se daria uma mudança efetiva na conduta do paciente.

A questão de como nosso corpo, com seu substrato biológico, suas bases genéticas e fenotípicas, seu cérebro e o resto de seus órgãos, produz uma mente (e talvez devêssemos dizer “é” uma mente, e não só a produz), talvez vá perturbar a cabeça dos cientistas durante muito tempo. De que matéria física é feita a sensação do “eu”? É bem provável que tal pergunta ainda fique sem

resposta. O próprio John Horgan, citado acima, diz ao final de um de seus textos: “Ainda não temos uma ciência genuína da mente. A questão é quando, ou se, iremos tê-la um dia”. Isso não deve, entretanto, perturbar o desejo da humanidade de oferecer ajuda e tratamento psicológico às pessoas, ainda que fundado em abstrações acerca do funcionamento da mente. Contanto que mantenhamos dentro de nós um bom grau de crítica e curiosidade, poderemos avançar em nossa compreensão, tanto relacional quanto física de como o ser humano é e funciona.

E, em se distanciando da biologia e penetrando mais no terreno afetivo, a psicanálise oferece uma grande vantagem, a meu ver. A ideia de que a relação entre paciente e analista constituía o ponto central da análise penetrou profundamente na teoria e na pesquisa psicanalítica, trazendo uma profundidade única em seu estudo dessas relações. O que a psicanálise faz de diferente é debruçar-se sobre esse relacionamento, baseada na ideia de que é o amor o que cura, e de que assim devem ser ensinados os analistas.

Leonardo Siqueira Araújo

Membro do Instituto de Psicanálise do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais

leosiqueira@gmail.com

data de publicação: 29/07/2014